

O FRACASSO HUMANO:

Subjetividade do fenômeno da aparência à essência.

Acleylton Costa do Carmo¹

RESUMO

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa realizada em uma instituição educacional com ensino fundamental de 1^a a 4^a série, tendo como interesse a prática da interdisciplinaridade, uma reflexão em conjunto com os educadores, integrando os saberes para conhecer melhor nossas dificuldades (fragmentação) e nossas potencialidades (partilha dos saberes), a fim de dar um novo significado (ressignificar) e fazer uma educação mais participativa em nível de educandos/educadores e conteúdos. A concepção do fenômeno da aparência como manifestação da essência é ponto pacífico na construção de uma antropologia holística, que concebe o homem-pessoa dotado de uma dignidade ôntica capaz de preencher o vazio axiológico deixado pelo niilismo.

PALAVRAS-CHAVE: subjetividade, aparência, essência, modernidade, fracasso humano.

INTRODUÇÃO

O século passado foi profundamente marcado pelo fenômeno da aparência que gerou um senso coletivo, uma imagem artificial da sociedade. Entrementes, esse espectro fomentou uma visão pragmática e utilitarista da realidade. A humanidade tem manifestado uma sintomatologia superficial que tange seu *ethos* e fere sua dignidade ontológica. Perpassam-se os umbrais do século XX, com efeito, a humanidade já vislumbra, ainda que, sob o véu da aparência, os grandes desafios que a espera neste novo tempo que se inicia: a ecologia, o diálogo, a paz, os conflitos sociais, a necessidade de respeitar as exigências fundamentais da ética no campo da biotecnologia.

Não obstante, a meteórica chuva de símbolos produzidos pela indústria cultural, a fábrica do lazer, fomenta o sentimento hedonista presente nas estruturas do sujeito. Impelido por essa moção sensitiva e pragmática, que entorpece o bom senso, o sujeito se vê incapaz de discernir entre a essencial necessidade existencial da que é mera aparência. O consumo exacerbado afaga, temporariamente, o desejo de felicidade e a busca de identidade do sujeito.

¹ Concluinte do curso de licenciatura plena em Filosofia da Faculdade Católica de Anápolis.

Com efeito, a atual atmosfera social aspira a superficialização da subjetividade, fator desencadeador do esquecimento da dimensão essencial da pessoa humana, a interioridade. A fragmentação da identidade do sujeito gera uma subjetividade de aparência, com estereótipos comuns, valores de fácil assimilação e de caráter superficial e transitório. A transitoriedade dos aspectos que dão formas as identidades ocasionam uma inquietação. A ausência dessa base sólida e definitiva causa uma angústia na pessoa. A falta de identificação de si é facilmente associada à idéia de sentido. A crise de identidade é a perda do sentido de si, é a não consciência do eu essencial-social.

O FENÔMENO DA APARÊNCIA

O fenômeno da aparência é aquela realidade primeira, que salta a nossa vista. A aparência é a exterioridade do real, isto é, do sujeito.

Modernidade: a subjetividade de aparência e seus fragmentos.

Pensar o contexto moderno é pensar o homem e suas múltiplas formas fenomênicas de se apresentar no mundo, entretanto é inquietante, pois prever seu ato deliberativo é incerto e circunstancial. A aparência do humano acontece mediante suas ações ou por intermédio do uso da linguagem. O poder de escolha é a grande dádiva do ser humano, este é a condição de possibilidade de se escolher como aparecer, como se manifestar em um mundo de aparências. Ao nascer, aparecemos, este ato de aparecer é nossa manifestação no mundo fenomênico, isto é, o mundo das aparências. O sujeito é possuidor de uma aparência, ou melhor, é a própria aparência.

Entrementes, o fenômeno da globalização, que emergiu no século XX e se solidifica no século presente, gerou abalos sísmicos nas estruturas do sujeito. É perceptível a crescente onda de consumismo decorrente do vazio existencial que se originou do esvaziamento dos valores necessários, e ainda, o individualismo que tem fomentado a competição, cada vez mais agressiva e amoral, no mercado de trabalho, também toca a esfera pessoal. Não há distinção entre as relações pessoais da meramente profissional, cada instante deve ser usado na construção de uma aparência vitoriosa e dominante. Aqui, os princípios morais, empreendidos, são exclusivamente egocêntricos e excludentes, o outro se torna um meio pelo qual me benefico e, ainda que de forma velada se percebe a presença atuante da mentalidade maquiavélica de que os fins justificam os meios. O fenômeno da massificação produzido pelos meios de comunicação de massa é o fator determinante no processo de fácil assimilação de comportamentos, valores, produtos, isto é, de aparências. A ética moderna apregoa valores voláteis e padrões de comportamento de fácil assimilação, com efeito, esse processo não é percebido pelo senso comum, é necessária uma reflexão apurada fundamentada em princípios filosóficos que sustentem

argutamente o aspecto valorativo do ser, da verdade e da bondade. Por consequência, se pode afirmar que a derrocada axiológica da sociedade global, a modernidade, gerou uma subjetividade de aparência, isto é, a superficialização estrutural das vivências humanas.

A sociedade moderna, no que tange à moralidade, aspira ao relativismo ético, à idéia de bem é concebida como o que é “socialmente aprovado”, desta forma, os valores universais e necessários como o ser, o verdadeiro, o bom e o belo expressamente defendidos pela tradição do pensamento ocidental agora são colocados de lado, entretantes, acontece a reviravolta proclamada por Nietzsche, o esvaziamento dos valores supremos. Para Nietzsche, valor é tudo aquilo que favorece o prolongamento e a sustentabilidade da vida, não obstante, seu desenvolvimento acontece no mundo das aparências, material e histórico. Perante essa imagem superficial da condição axiológica, pode-se dizer que o sujeito vive à mercê de uma subjetividade de aparência. Logo, aquilo que aparentemente é um ‘bem’ para mim é absorvido sem hesitação, mesmo que esse ‘bem’ absorvido represente um ‘mal’ a meu semelhante.

Brandindo o pesado martelo de sua crítica, Nietzsche procurou demolir todos os valores absolutos da lógica (verdade), da moral (virtude), da metafísica (ser) e da religião (Deus), mostrando que estes eram valores decadentes e alienantes: um verdadeiro bloqueio no caminho que leva o homem à meta do super-homem. No lugar dos valores absolutos da lógica, da moral, da religião e da metafísica, colocou os valores dinâmicos e mutáveis da vida, uma vida que aceita a si mesma, de maneira fatalista e inocente, em todas as suas expressões. (MONDIN, 2003, p.160).

Essa subjetividade de aparência gera uma superficialização da vida, é um olhar trivial e fugaz sobre as nossas vivências. No tocante à relação interpessoal perde-se na cognição do outro, só é possível colher um conhecimento aparente do outro. O princípio da alteridade se esvazia, o outro deixa de ser um valor em si, e agora, o que vigora é o princípio da circunstância, por exemplo, se neste exato momento você apresenta uma importância que pode me beneficiar, indubitavelmente você passa a representar um valor para mim, ainda que transitório e mutável. Na vida social, mais precisamente na carreira profissional, o sujeito padece os males da modernidade geradora de capital, consequentemente produtora de aparências em massa. O fenômeno de massificação da aparência gera a tênue cortina do real que produz a fragmentação das identidades, isto é, das aparências. É nesse cenário inóspito que o profissional é impelido, quase que inconscientemente, a adquirir padrões de comportamento que são definidos pela indústria cultural. Os *mass media* são o portal de conexão do aparecer e desaparecer dos fenômenos massificados, as aparências que entorpecem o ego interior do sujeito. Esta leva de aparências fragmentadas ocasiona a perda do sentido existencial.

A era moderna é profundamente marcada pela materialidade, a matéria é o elemento constitutivo e originante da natureza. Há uma dinâmica inerente cujos desdobramentos formam a pluralidade de seres presente na realidade. Entrementes, segundo essa ótica existencial a aparência é essencialmente material, e pode ser conceitualizada como a exterioridade dos seres, ou ainda, o próprio ser.

A realidade possui uma natureza fenomênica, em que a aparência é aquela realidade primeira que salta a nossa vista. A aparência é a exterioridade do real, ou ainda, o real em si. O conceito de aparência, aqui desenvolvido, apresenta um nexos de similaridade com o conceito de identidade. Se a finalidade da identidade é identificar um fenômeno e diferenciá-lo dos demais fenômenos da natureza, e a aparência por si só manifesta o fenômeno, logo aparência e identidade coincidem. Então, a aparência tem em si a natureza de identificar, enquanto que a mesma se manifesta. Por consequência, há outra questão que se levanta, existe algo além da aparência do fenômeno? Não obstante, a aparência é a mera exterioridade da identidade fenomênica, ou a própria identidade do fenômeno? Mais adiante tentaremos apresentar uma possível resolução a essa complexa questão.

A pensadora Hannah Arendt é enfática ao ratificar que somos aparência e, por consequência, há um sentimento de pertença à mundanidade. O ser no mundo pode ser compreendido como os desdobramentos dos atos humanos, nossas ações de construção e desconstrução do real. Com efeito, se o sujeito é aparência e as aparências são facilmente manipuladas pela indústria cultural, logo o sujeito, que ainda se encontra envolto nas amarras da modernidade, está à mercê dos estratagemas ardilosos do fenômeno da massificação. Esta subjetividade de aparência oriunda desse processo ontologicamente depreciativo suplanta todo esforço pela compreensão do sentido da vida. Os meios de comunicação de massa são o veículo pelo qual se transporta, isto é, apresenta as aparências. Todavia, essa aparição ou manifestação da aparência pode ser desfigurada. Esta desfiguração da identidade da aparência permite a fácil percepção da pluralidade de espectadores, cuja capacidade crítica de julgamento está entorpecida pela massificação das aparências. Hannah Arendt assinala a questão da fragilidade da natureza fenomênica pois tudo o que aparece em razão de sua fenomenalidade está passivo de ser oculto ou desfigurado.

O ser humano habita um universo cuja primazia está na fenomenalidade da aparência, não obstante, essa epifania pode ser oculta. A manifestação do fenômeno da aparência pode apresentar uma espécie de disfarce ou até mesmo uma desfiguração no cerce de sua identidade, causando uma fragmentação. O ato de fragmentar é a massificação e pode ser compreendida como a perda do ego interior, essencialmente único e unitário, que se manifesta pelo ego exterior, isto é, uma aparência. Aniquila-se a individualidade característica constitutiva da pessoa, toda individualidade é uma abertura ao outro. Por

consequência, se não há a individualidade não há caminho para o *alter-ego*, logo, o sujeito se perde em meio ao oceano de aparências cuja mesmidade no âmbito do *ethos* é geradora de uma conjuntura de valores superficiais e voláteis, portanto, simples. Não obstante, o consumo exacerbado causa o distanciamento do *alter-ego* e o resultado é o individualismo, a solidão, o vazio existencial e a perda de sentido.

Até aqui abordamos a questão do fenômeno da aparência e seu modo de manifestação na mundanidade fenomênica, com efeito, a concepção da aparência como aquela realidade primeira que tange nossos sentidos é de simples aceitação. Entrementes, a partir deste ponto inverteremos o foco da reflexão passando a analisar o que há para além da aparência, o fenômeno da essência.

O FENÔMENO DA ESSÊNCIA.

O fenômeno da essência é aquela realidade ulterior, que define qualitativamente a existência do real, isto é, do sujeito.

A experiência como ponto de partida.

Nas linhas acima debatemos a questão da aparência, procuramos definir suas características e analisar os efeitos nocivos de sua polarização que se originou com o advento da modernidade. Agora, na busca de superar os limites desse reducionismo outra questão se levanta: acaso o homem é capaz de conhecer algo que está situado além das propriedades materiais? O que garante a validade deste conhecimento?

Este é um debate acalorado que despertou o interesse dos pensadores de muitas eras. Com efeito, se o ser humano é complexo, por consequência, é natural que o seu processo cognoscitivo, também, o seja. O desafio é dissipar as névoas da complexidade e encontrar a cognição que garanta a validade do conhecimento das essências. Caminho este já trilhado pelo filósofo da pessoa, Karol Wojtyła, que definiu o processo do conhecimento humano como a experiência do homem, estabelecendo que a natureza deste processo seja empírica e intelectual, de forma que se salvaguarda as vias sensitivas e intelectivas do conhecimento.

Encontramos, em Karol Wojtyła, desde o início, uma premissa fundamental. Ele afirma que a pessoa humana pode conhecer a verdade essencial das coisas. Ao contrário, absurdo e inútil seria todo o esforço de comunicação de algum conteúdo que, antecipadamente, já fosse considerado não possível de ser conhecido. Todo juízo, aliás, pretende ser verdadeiro em relação ao objeto a que se refere. [...] procura objetivar um processo cognitivo fundamental que ele define como a *experiência do homem*, tendo em vista suas origens. (SILVA, 2005, p. 23).

Inquestionável é a questão de que não se pode conhecer o que não existe, isto é, o nada. Considerando a premissa realista de que a pessoa tem a possibilidade de captar os elementos inteligíveis e universais, isto é, a essência e a natureza das coisas em si mesma, logo, é necessário que exista a essência, uma vez que esta é o objeto do intelecto humano. A pessoa humana pode conhecer a verdade essencial dos seres, não obstante, a aparência é a superfície sobre a qual os sentidos humanos captam as propriedades da materialidade e ulteriormente capta sua essência.

Com efeito, o mundo fenomênico é marcado pela complexidade da aparência e da essência, sendo a primeira de natureza material sua sensibilidade garante sua evidência incontestável, porém, a segunda é um pouco mais obscura, ela se esconde dos nossos sentidos, de modo que é percebida somente pela via intelectual. Todavia, qual é natureza da essência? Qual a sua finalidade? Mais adiante nos ateremos a esse aspecto metafísico.

O FENÔMENO DA APARÊNCIA COMO MANIFESTAÇÃO DA ESSÊNCIA.

Existe uma íntima relação entre a aparência e a essência, as duas convergem constitutivamente na construção do real, isto é, do sujeito. A verdade é a realidade essencial que está oculta sob o véu da aparência.

Mundanidade sínolo de aparência e essência.

Qualquer análise da natureza fenomênica do mundo se esbarra na complexidade do ser e da aparência, que são princípios dinâmicos que constituem o ente real. No primeiro momento, analisamos a teoria platônica dos dois mundos que para salvaguardar os valores universais, como a imortalidade da alma, criou a noção de um mundo Ideal dotado de existência própria, este era o lugar onde habitavam todas as Idéias. O mundo sensível não passa de uma mera aparência da verdadeira realidade, o mundo supra-sensível, isto é, Ideal. A teoria de Platão é a primeira forma de idealismo, com efeito, para se chegar ao conhecimento do ideal é preciso romper com as prisões da aparência, isto é, da materialidade. Em contrapartida, há os teóricos que fazem apologia à matéria, aparência, nesta perspectiva o aparecer e desaparecer dos elementos que compõem o mundo fenomênico revela sua capacidade de evolução, isto é, de vir-a-ser. Esta visão materialista cria uma noção fragmentada do homem que, por consequência, anula suas potencialidades; este ritmo levou a humanidade à derrocada, um verdadeiro fracasso humano.

O desafio ao se empreender na reflexão filosófica é superar as falácias, diga-se de passagem, que não foram poucas e em todas as épocas, todavia, apesar das fragilidades de sua teoria o legado platônico nos sinalizou um ponto de veracidade, isto é, a verdade que

há além das aparências. Entrementes, a aparência ou a matéria que naturalmente aparece e é percebida é uma evidência irrefutável. O ponto nevrálgico é a dicotomia entre a essência e a aparência, acaso há uma relação concêntrica ou uma total distinção entre as partes? Nosso escopo é apresentar agudamente referenciais teóricos que garantam a possibilidade de conciliação ontológico-existencial entre aparência e essência, a fim de superar o dramático fracasso em que se encontra a humanidade, a fragmentação do homem. Existencialmente falando é veraz e aceitável a questão de que o ser ou a essência é o fundamento da aparência podendo ser analogamente comparada à noção aristotélica de matéria e forma. Com efeito, na dimensão axiológica o ser ou a essência não possui primazia em relação à aparência.

Nossos sentidos captam primariamente as aparências do real e ulteriormente mediante sua capacidade intelectual absorve a essência da aparência. É fato, não há aparência sem essência assim como é inconcebível existir a essência sem a aparência. Portanto, aparência e essência são concêntricas, estão reunidas, presentes no mesmo lugar, isto é, no mesmo ente. O termo concêntrico, que tem o mesmo centro, é fundamental para a compreensão desta complexa realidade. Nesta perspectiva o mundo, com toda a sua mundanidade concêntrica, pode ser assimilado como sínolo de aparência e essência. Com efeito, superada a dicotomia antropológica e cosmológica torna se possível uma nova concepção de homem e de sociedade.

A aparência essencial da subjetividade existencial.

A superação da concepção de que aparência e essência são realidades antagônicas dá abertura para a possibilidade de uma nova reflexão filosófica do homem, contundentemente, a subjetividade de aparência está superada, pelo menos em tese; o desafio agora é seguir na edificação de uma nova subjetividade que compreenda o aspecto concêntrico da aparência e essência. Uma subjetividade que não tolha as potencialidades humanas, conseqüentemente, se faz necessário tolher toda espécie de bipolarização.

A vida humana é uma evidência incontestável, todavia, sua magnitude e complexidade ofuscam nossa capacidade cognitiva. Há um substrato sobre a qual a força vital atua na dominação do mundo natural, não obstante, esta basicidade é fator originante da dialética que compõe a história humana. O ser humano possui a corporeidade, todavia, este aspecto é constitutivo, mas não em absoluto. E, mediante as ações intelectuais, se percebe a existência do espírito que, também, é constitutivo da pessoa, mas não em absoluto. É, justamente a concentricidade corpo e espírito, aparência e essência que corrobora a gênese de uma subjetividade existencial, a total integração existencial do sujeito. Com efeito, essa conclusão passa primeiramente pelas vias sensitivas que captam as aparências, isto é, a materialidade dos entes que, por consequência, é através das

propriedades materiais da aparência que o intelecto assimila e conceitualiza a essência, isto é, o ser.

A fenomenalidade do mundo com a sua peculiar dinâmica do aparecer é que instiga a idéia de que há algo além da aparência. Aquilo que aparece o faz em função de manifestar-se e revelar o ser, isto é, a essência. A corporeidade é a condição de possibilidade para o conhecimento do real, com efeito, não há conhecimento sensitivo puro assim como não há conhecimento intelectual absoluto. Se as estruturas do sujeito são concêntricas, logo as vias do conhecimento humano, também, partilham da mesma característica.

A filosofia moderna descobriu na ação o fazer-se do homem, para os modernos o homem se realiza inteiramente na ação, porque é na ação que se encontra a gênese da dialética do humano. Tanto que a dialética marxista corrobora que é no dial que acontece o movimento inverso das forças, o conflito entre os dominantes e os dominados, esta dialeticidade compõe a basicidade da luta de classes. Portanto, podemos concluir que a história é movimento, isto é, ação. Com efeito, essa ação é autônoma de forma que não pressupõe um substrato, isto é, um sujeito da ação.

[...] a filosofia moderna dissolve o homem na ação porque ignora que existe um *subjectum* subjacente aos comportamentos individuais. O homem, para o pensamento moderno, reduz-se ao conjunto das ações. A modernidade descobriu a ação. Ela, porém, não tem consciência do sujeito da ação. A vida acontece em nós, mas escapa de nossa responsabilidade. (SILVA, 2005, p. 34 - 5).

Para auferirmos a conceituação de uma subjetividade existencial, que compreende a dinâmica da concentricidade da aparência e essência, é *conditio sine qua non* inferirmos uma base sobre a qual se desenvolverá as manifestações fenomênicas, este terreno fértil é o sujeito. Para a antropologia personalista de Karol Wojtyła a pessoa se realiza na ação. Não obstante, toda ação pressupõe um agente que, por consequência, se torna responsável pelos seus atos. Assim descreve essa imagem conceitual o estudioso do pensamento de Wojtyła, o professor Paulo Cesar (2005): “O agir, para Karol Wojtyła, é precedido e fundamentado pelo sujeito. O sujeito é que possibilita a ação. Ele a acolhe e a transcende”. Entrementes, se para Wojtyła o “eu”, isto é, o ego experiencial é a própria pessoa sínolo harmônico da subjetividade experimentada e ôntica, não obstante, aqui, podemos classificar com a nomenclatura de aparência e essência. Logo, é possível conceber a similaridade, de forma simples, dos conceitos de subjetividade existencial, aqui, sistematicamente desenvolvido, e do ego experiencial da antropologia personalista. Ambas as acepções são impelidas a um único *telos*, a integração do homem-pessoa concreto, autor de sua própria história, que atua livremente deliberando na construção de si e do outro, conseqüentemente, por ser livre, a

pessoa, sujeito atuante que tem consciência de si, se torna responsável pelos seus atos. A liberdade implica responsabilidade.

Ao superar a acepção moderna do conceito de ação, que é reducionista, nos deparamos com a provocação da pós-modernidade, o desafio de ser pessoa. A fragmentação antropológica, que privilegiou a aparência, feriu o homem-pessoa na sua estrutura ôntica. O sujeito existencial, ego experiencial, tem sua consciência em estado de íntima relação com o ser e o atuar, isto é, a essência e a aparência. A essência do ser humano o identifica na mundanidade, porém, não tolhe a dinâmica de sua natureza que está aberta à transcendência e à atualização de suas potencialidades. A existência humana manifesta-se como pessoa e a sua unidade está arraigada em seu cerne ôntico, isto é, a essência. Com efeito, esta unicidade possibilita a constituição de uma basicidade estrutural para o ‘aparecer’ dos movimentos fenomênicos. O fato de a subjetividade existencial compreender a existência de um elemento constitutivo de natureza essencial não atrofia e nem aniquila a dinâmica que é própria do fenômeno das aparências.

Segundo o plano fenomênico, que é próprio das aparências, o ato de aparecer pressupõe o ato de ser percebido. De fato, no mundo de aparências tudo que está vivo é naturalmente impelido a aparecer e, por consequência, deve ser percebido. Aqui, o sujeito mais do que apresentar sua exterioridade superficial revela-se como homem-pessoa concreto. Na dialética do dial o sujeito não é a epifania de uma essência pura, ou ainda, de uma mera aparência. Todavia, a pessoa se manifesta integralmente, para Wojtyła o ego experiencial, isto é, a subjetividade existencial.

Depois de percorrido tão laborioso caminho se percebe a superação da bifronte polarização dos aspectos constitutivos da realidade, o significado da concentricidade da aparência e essência estabelece uma sólida estrutura às vivências humanas, esta visão holística da pessoa é a condição de possibilidade para a atualização de suas potências que se faz mediante a abertura de sua natureza, a autotranscendência.

A aparência essencial da autotranscendência.

Partindo da reflexão etimológica o termo transcendência, do latim *transcendere*, designa ir além do ordinário, ultrapassar, elevar-se acima do vulgar. Já a palavra auto é do grego *autós* e exprime a noção de si próprio. A combinação dos termos cria a imagem do sujeito que por suas próprias forças e vontade é capaz de sair de si e ir além, ao encontro de outro ser. Portanto, a autotranscendência é o movimento cômico do “eu - pessoa” que se lança na experiência, sempre dinâmica, do atualizar-se, isto é, o aperfeiçoamento. Por consequência, ao observarmos este movimento, do ego experiencial, se percebe a presença de dois momentos distintos que, não obstante, em um dado instante se tocam. É o

transcender-se na esfera horizontal, que é o momento do sair de si e ir ao encontro de outro ser, enquanto que o transcender-se na proporção vertical é o momento de voltar o pensamento sobre si mesmo e encontrando-se como “eu - pessoa” tomar posse si e, conseqüentemente, se autogovernar.

Nas estruturas das vivências humanas a autotranscendência horizontal é a condição prévia para que o “eu” se encontre com o “tu” e faça a experiência do “nós”. Indubitavelmente, neste momento de “ser-com” o sujeito experimenta a plenitude do ser pessoa, ser único e unitário capaz de proporcionar ao *alter-ego* a possibilidade de despertar suas potencialidades adormecidas. Na dimensão vertical, a via ascendente, o transcender corresponde às experiências introspectivas, isto é, o ato de voltar o pensamento sobre o eu-interior, é o caminho ascendente do autoconhecimento. Conhecer a si mesmo é um ato volitivo que nos leva a ir além da superfície do ser pessoa, isto é, romper o véu da aparência e tocar a quiddidade da subjetividade. E neste intermédio, a pessoa colhe a possessibilidade de si mesmo e desperta a capacidade, até então adormecida, de autogestão. Agora, a pessoa ao deliberar o rumo de seus passos assumiu conscientemente as conseqüências de seus atos. Com efeito, a autotranscendência pressupõe a volição que, por conseqüência, revela a liberdade do agir humano. Portanto, todo ato da vontade, o legítimo “eu quero”, é um ato livre.

Existencialmente falando, o ser pessoa pressupõe a autopossessão e o autogoverno que, juntos, garantem a basicidade da autodeterminação, a capacidade que a pessoa tem de escolher livremente. Não obstante, a vontade, elemento constitutivo da pessoa que, porém, não a determina, é a fonte do seu dinamismo. A autotranscendência é o fator desencadeador das provocações na esfera das vivências humanas. Este ato, de ir além, encontra seu fundamento na vontade livre, princípio constitutivo da pessoa, que corrobora as ações que determinam a construção do ser pessoa. Entretanto, não há determinismo uma vez que a liberdade é atributo da vontade que é fonte originária da autotranscendência. Entrementes, esse movimento de transcendência, mais do que tocar, está essencialmente marcado pela espiritualidade.

A criatura humana é um ser complexo porque corpórea e espiritual. A pessoa, ao mesmo tempo, constitui uma unidade que se manifesta de forma completa na ação, através da transcendência. O agir serve à unidade da pessoa e é nele que o homem se realiza. A unidade da pessoa, na ação, manifesta-se e torna-se possível por causa da natureza espiritual do ser humano. Essa é a fonte de todos os sinais que determinam a transcendência da pessoa. A unidade do homem, portanto, é constituída por seu espírito. O elemento espiritual é o componente específico da criatura humana. (SILVA, 2005, p. 74).

A espiritualidade é fonte da unidade da pessoa e, também, causa de sua transcendência. O conceito de subjetividade existencial compreende o aspecto espiritual da pessoa naquilo que definimos por aparência e essência, isto é, corporeidade e

espiritualidade. Todavia, a percepção do elemento espiritual só é possível graças à concentricidade do ser pessoa que se manifesta na ação. A existência humana é marcada pelo sofrimento, miséria, perda do sentido da vida, morte. São sentimentos e acontecimentos que no dial abalam nossas estruturas, entretanto, a força espiritual presente no cerne dos seres deve ser despertada e provocada. Somente assim será possível a superação dos traumas fatídicos que assolam nossa condição humana. É preciso superar, ir além dos percalços e reveses que limitam nossas potencialidades, portanto, é necessário autotranscender.

No mundo das aparências o natural é dispersar-se, olhar para fora e se entreter. Este é um aspecto superficial e animalesco. O homem, por vezes, tem sua capacidade de transcender tolhida pelas distrações das aparências, com efeito, é urgente a necessidade de voltar a atenção para dentro de si e descobrir no silêncio da interioridade, aspecto peculiar do ser pessoa, a dinâmica do novo que emerge da esfera essencial. Este movimento é o que Ortega y Gasset classifica por ensimesmamento, isto é, a capacidade que o homem tem de olhar para seu eu interior e encontrar em si novas idéias. O ensimesmar é a autotranscendência na dimensão vertical.

O ensimesmar-se é um projetar a ação futura. O ensimesmar-se não é uma jóia que se acrescenta a sua vida, com efeito, assim como não é possível ao homem viver sem a cultura e sem o pensar, também não lhe é possível viver sem o ensimesmar-se. O ensimesmar-se aponta para questões mais profundas, nesta perspectiva é preciso abandonar a superfície e percorrer o difícil caminho que dá acesso à realidade da pessoa. A autotranscendência, isto é, o ensimesmar-se nos evoca a ultrapassar as camadas da aparência e desvelar a essência dos seres para, por fim, descobrir as riquezas do ser pessoa. Este fenômeno do ego experiencial de ir além da imanência não é um mero insight, mas uma abertura permanente, ou seja, é uma característica inata da natureza humana.

É indubitável que há uma abertura de caráter permanente na natureza ôntica da pessoa, que evocamos de autotranscendência, ou ainda, que para Ortega y Gasset é o ensimesmamento. O ser da pessoa se atualiza na proporção que, ele, se manifesta através da natural abertura ao outro. Se o meu “eu” está predisposto a se relacionar com um “tu”, logo, desta relação interpessoal nasce o “nós” e, por consequência, temos a primeira imagem conceitual de uma relação social. Por esta razão, o filósofo Ortega y Gasset robustece a idéia de que esta abertura, a autotranscendência, é a matriz de todas as possíveis relações sociais. Toda ação recai sobre um sujeito, por isto que a ação revela a pessoa, ou ainda, na dimensão axiológica, a ação revela o bem e o mal de cada ato do homem.

A aparência essencial de uma ética da pessoa.

A sociedade pós-moderna aspira às questões éticas, a cada dia um novo setor se abre à questão do dever. Mesmo assim, há uma grande divergência no que concerne à conceitualização da ética e da moral, a modernidade sentenciou a falência do sentido e do vazio ético, uma abissal derrocada axiológica, o verdadeiro fracasso humano. A reestruturação antropológica é o princípio basilar de superação deste fatídico fracasso com o holismo da subjetividade existencial que integra a concentricidade da aparência e essência; não obstante, em conformidade e de acordo com Karol Wojtyła (2005), não é suficiente admitir e compreender os valores da pessoa, torna-se necessário que se afirme o ser pessoal como o valor.

Segundo Paulo Cesar (2005): “O nome pessoa quer expressar uma perfeição ontológica própria do ser humano”. O conceito de pessoa atribui ao sujeito a capacidade de autotranscendência, ir além de si mesmo, e se autodeterminar. A espiritualidade é a fonte originária da vontade que tem por atributo a liberdade. A pessoa possui uma dignidade ontológica enquanto participa do ser do Criador, entre os seres criados é o único criado à imagem e a semelhança de Deus. Portanto, a pessoa não pode ser reduzida a indivíduo da espécie ou a qualquer forma de instrumentalização.

A pessoa, para a metafísica, é objeto e sujeito. Ela é um ser objetivo ou *alguém* substancialmente diferente de outros seres que existem como *algo*. A pessoa é, simultaneamente, seu próprio suporte ôntico. Ela existe como sujeito de seus dinamismos e estruturas. Encontra-se, aqui, uma forma de síntese entre eficácia e subjetividade. (SILVA, 2005, p. 57).

O ser pessoa compreende a coexistência de aparência e essência, isto é, exterior e interior. No plano ontológico, a pessoa é objeto enquanto que está passível de ser percebida pelos outros seres, em contrapartida, a mesma passa a ser sujeito enquanto atua na realidade fenomênica sobre os outros seres que estão passíveis de percepção. A pessoa por ser seu próprio suporte ôntico sintetiza os aspectos da objetividade e subjetividade. A reestruturação antropológica é a resposta à crise ética da contemporaneidade como uma tentativa de superar esse abissal fracasso humano.

A contemporaneidade apresenta um cenário triste e sombrio para a construção da aparência essencial de uma ética da pessoa, o esvaziamento dos valores é a perda do referencial. No decurso da história da humanidade o homem se perdeu muitas vezes por ser diferente dos demais seres da natureza, o ser capaz de perder-se, perde dentro e fora de si, todavia essa sensação de perda o reporta a encontrar-se. Talvez, seja o momento de reportar ao paradigma perdido. O valor e a dignidade ontológica da pessoa lhe atribuem a capacidade de evocar, do latim *evocare*, chamar para si a responsabilidade de fundamentar a basicidade dos valores éticos e morais. A dignidade ôntica da pessoa é capaz de preencher o vazio axiológico deixado pelo niilismo.

CONCLUSÃO

Este singelo trabalho não teve em si a ganância de exaurir o colorido semântico dos termos basilares aqui empreendidos, todavia, há a ambição de apresentar uma reflexão ponderada e crítica sobre o fracasso humano a partir dos conceitos de aparência, de essência. E ainda, os padrões de comportamentos sociais como a perda de sentido existencial, o fenômeno da massificação e a perda de identidade. E não obstante, o escopo de recuperar o conceito de pessoa no afã de iniciar um processo de reestruturação antropológica.

A reflexão toma um rumo totalmente diferente, não obstante, suplanta-se toda espécie de polarização dos princípios constitutivos da realidade. A análise do fenômeno da aparência como manifestação da essência, indubitavelmente, é uma nova forma de holística, de integração total do ser. Entrementes, a aparência cuja função é aparecer e ser percebida revela seu terceiro *telos*, o de trazer para fora a essência que outrora ela mesma ocultara.

Por fim, a conceitualização da personalidade, o homem-pessoa é um valor em si e sua dignidade ontológica é à base de sua espiritualidade que é a condição de possibilidade do autotranscender e autodeterminar-se. A verdadeira identidade da pessoa perpassa os umbrais da modernidade, que gerou o fracasso humano, e possibilita a origem de uma nova humanidade.

ABSTRACT

The objective of this work is to address the issue of human failure that originated in modern times and continues today. The absolutization materiality whose developments affecting politics, ethics, art, man. The crux is to understand how to overcome the paradigm of modernity, this superficial view of reality. The design of the appearance of the phenomenon as a manifestation of the essence is taken for granted in the construction of a holistic anthropology, which sees the human person endowed with dignity ontic able to fill the void left by the axiological nihilism.

KEYWORDS: subjectivity, appearance, essence, modernity, human failure.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. *A vida do espírito*. 4ª ed., Rio de Janeiro, RJ: Relume Dumará, 2000.

_____, Hannah. *A condição humana*. 10ª ed., Rio de Janeiro, RJ: Forense, 2007.

GASSET, José Ortega y. *O homem e a gente: inter-comunicação humana*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Ibero Americano, 1973.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*; tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10ª ed., Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 1998.

MOLINARO, Aniceto. *Léxico de metafísica*. São Paulo, SP: Paulus, 2000.

MONDIN, Battista. *Introdução à filosofia*. 14ª ed., São Paulo, SP: Paulus, 2003.

_____, Battista. *Curso de filosofia: volume I*. 12ª ed., São Paulo, SP: Paulus, 2003.

_____, Battista. *Curso de filosofia: volume II*. 8ª ed., São Paulo, SP: Paulus, 2002.

RUSS, Jacqueline. *Pensamento ético contemporâneo*. 3ªed., São Paulo, SP: Paulus, 2003.

SILVA, Paulo Cesar da. *A antropologia personalista de Karol Wojtyla*. Aparecida, SP: Idéias e Letras, 2005.

WOJTYLA, Karol. *Amor e responsabilidade: estudo ético*. 2ª ed., São Paulo: Loyola, 1982.